

arqa100

ARQUITETURA E ARTE

Jan | Fev 2012 | €11,00

Influências Ficcionais

Peter Zumthor
Ensamble Studio
R&Sie(n)
Philippe Rahm
BIG

John Körmeling
Tham & Videgård
Jorge Figueira
Bernardo Rodrigues
Pedro Gadanho

Jane Rendell
Jonathan Charley
Neil Spiller
Wes Jones
Jimenez Lai
Filip Dujardin
Os Espacialistas



ISSN: 1647-077X

A Ficção Tardomoderna

Derivações Pós-modernas e o nosso Transitório Presente

GONÇALO FURTADO | Professor Auxiliar na FAUP

1. Interessa-nos, no âmbito do tema "ficção", delinear uma possibilidade de entender o nosso transitório presente. Como será o moderno tardio, pós-modernismo, e suas múltiplas derivações, historiado de acordo com os focos do momento que vivermos? Sem pretender responder a esta questão, interessa-nos rever estes intensos momentos arquitetónicos, e apontar, na sua complexidade, reconciliações que melhor nos permitam entender o presente.

2. Começemos por recordar que o movimento moderno foi motorizado por um impulso utópico, o qual, suportado pelo progresso tecnológico, acreditava que a Arquitetura conduziria a uma sociedade melhor. Rouillard em *Superarchitecture*, à semelhança de outros, expôs que entre 1950-1970 a crise da arquitetura moderna tomou três expressões que redefiniram o seu futuro: o Team X (constituída em 1956) "baseados na ideia de conexão o relacionamento"; abandonada por uma "nova utopia" constituída por um "híbrido do ... arquitetura ... planeamento e infra-estrutura" denominado Megaestruturalismo, e a arquitetura Radical (formada em 1956), em que "tal expectativa tecnológica" deixou de ser pensada em termos de "progresso ou de felicidade mas em prol da revelação da real idade".¹

3. O referido trabalho Megaestrutural desenvolveu-se em diferentes países como Inglaterra, França, USA, Áustria e Itália. Recorde-se que entre os vários protagonistas, como os Archigram em Inglaterra, os Situacionistas em França, os Metabolistas no Japão, atuaram certamente muitos outros, menos conhecidos, mas de igual importância, como Yona Friedman ou Cedric Price. A maioria deles era inspirada pelo visionarismo de Fuller ou Otto, que previamente tinham trabalhado com sistemas flexíveis e estandardização mecânica. Interessa-nos recordar alguns aspetos pertinentes, como a crítica precedente ao funcionalismo, pela Internacional Situacionista, ou a perspectiva "plug-in" e tecnológica, dos Metabolistas e Archigram, assim como a crítica dos grupos Italianos, Archizoom e Superstudio.

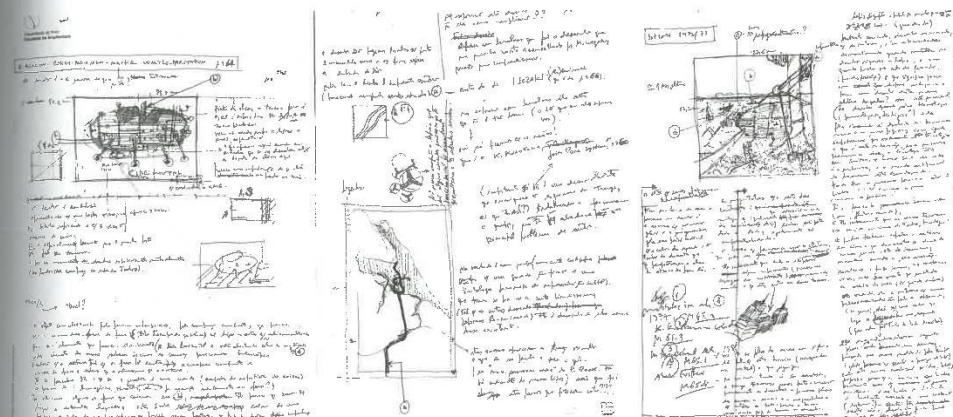
A Internacional Situacionista foi um coletivo de artistas, ativistas e arquitetos, de diferentes nacionalidades, aglutinados em redor do Guy Debord. Com vista a empreenderem uma oposição ao funcionalismo, a IS desenvolveu estratégias de "détournement" com vista a privilegiar apropriações urbanas inesperadas e estratégias de "deriva" enquanto método pós-surrealista de consciencialização da urbanidade marcada pela "psico-geografia". Tal foi fomentado pelo seminal trabalho sociológico de Huizinga, *Homo Ludens*, que largamente influenciou o pensamento arquitectónico seu contemporâneo.² Entre outros trabalhos significativos, referência deve ser feita para o trabalho arquitectónico de um dos seus membros – a "nova Babilónia" (1958) do escultor Holandês Constant. Esta cidade utópica, desenvolvida metodicamente durante vários anos, imaginava um ambiente urbano coletivo permeável à transformação pelos seus ocupantes.³

O Metabolismo, foi a resposta megaestrutural Japonesa, empreendida por um grupo de arquitetos em redor de Tange e da conferência de Tóquio

de 1960. Um explícito exemplo das suas propostas encontra-se na "City in the air" de Isozaki, ou no "Joint core system" (1960) de Kurokawa. A primeira era uma megaestrutura multifuncional suspensa sobre a cidade existente, com colunas que permitiam circulação multidireccional e crescimento em todas as direcções. Mais que uma utopia flutuando no espaço, fazendo "tábua rasa" do ambiente existente, expressava-se a necessidade de um sistema flexível (pela ciência dos sistemas e não pela estandardização) capaz de absorver a mutação social e a representação do individual. Como em outros "urbanismos unitários", a inspiração era tecnicista, mas derivava também da ideia de "regeneração biológica" e da ideia da arquitetura enquanto extensão da natureza.

Os experimentos da IS e do Metabolismo foram prévios aos Archigram, grupo Britânico fundado por Peter Cook.⁴ Os Archigram receberam aclamação internacional sobretudo por desenvolver cidades móveis, "Plug in city" (1962-62), por exemplo, consistia numa estrutura em que módulos edificadas iriam ser conectados de acordo com as necessidades dos seus habitantes. No entanto, e de acordo com conversas tidas com Webb e Green, observando a diversidade de direcções e processos de projeto na obra dos Archigram, uma questão essencial seria: Foram os Archigram um grupo ou antes uma rede de práticas? Recorde-se que os Archigram apareceram em 1961, por altura do primeiro número de um *magazine* composto por um desenho de Cook e Webb, e um poema de Green que clamava: "A new generation of Architecture must arise with forms and spaces which seem to reject the precepts of 'modern' yet in fact retains those precepts".⁵ Uma característica notável foi que o seu sedutor grafismo, era baseado no poder da estratégia publicitária. Neste e noutros aspetos, os Archigram estavam por então ainda longínquos da posição política de, por exemplo, a IS, e aceitavam a conformação da emergente cultura espectacular. A sua forma, tentavam encontrar modos produtivos de lidar com o mecanismo tardo-capitalista. Por outro lado, se seguirmos a produção cronológica dos Archigram, desde o "Living Pod" (1966) de Green ao "Electric Tomato" (1969), não podemos deixar de ser levados a reconhecer uma progressiva problematização humanista, um falhanço do sonho mecanicista e a proposição de uma nova relação eletrónica com a natureza.

A seguinte produção Italiana foi caracterizada por uma forte crítica política, envolvendo os grupos Superstudio e Archizoom. No texto introdutório para a exposição *Superarchitettura*, organizada por Branzi e Natalini na galeria "Jolly" 2 em Pistoia (1966), explicitamente foi avançado o seu ponto de vista: "The supersuperarchitettura is the architecture of a super production, of the super consume, of the super induction to consumption, of the supermarket...".⁶ Os Superstudio foram um grupo italiano de Florença, fundado em 1968, por De Francia, os Magris, Fassini, Natalini e mais tarde Poli. A abordagem poética dos Superstudio levou-os a conceber projetos como o "Monumento Continuo", provavelmente o mais conhecido, com um gesto de ordem constituído por grelhas expandindo-se pela superfície terrestre. Como citado na crítica à sua recente exposição e publicação retrospectiva: "Superstudio changes the modernist orthodoxy that architecture and technological advances



Notas do autor, Investigação no MoMA 2003

could improve the world by creating alternative visions of the future... The five members ... were usually pessimistic about politics and its ability to solve mounting social, cultural and environmental problems".⁸ Os Archizoom eram outro grupo italiano paralelo, composto por Branzi, Cozzetti, Doganelli, Morozzi, e os Bartolini. O grupo, influenciado pelo visionarismo utópico dos Archigram, concebeu projetos arquitetónicos assim como de design. Entre os seus mais famosos projetos, está a *No stop city* (1968-70), que pode ser visto como uma visão irónica da cidade e sociedade. Propondo uma rede neutra, o mito da "quantidade" surge concebido como algo aberto à apropriação individual e aspira superar a metrópole moderna. Mais tarde, em 1972, "*Italy – The new domestic landscape exhibition at MoMA ... identified design as the projectual instrument more appropriated to a reflection about the degraded condition of the modern metropolis, intervening to try to change the quality of life and its surroundings*".⁹

7. A Resistência contra o modernismo está presente entre as três fases críticas mencionadas – os Team X, o movimento Megastutural, e a Crítica radical. Tratou-se de um período de rápidas correntes transformadoras, que passaram pela Megastutural e seu subsequente unicismo e substituição pelo pós-modernismo, situação que o MoMA tem entendido no seu aclamado evento *The change of the Avantgard*.¹⁰ Uma revisão do período histórico compreendido entre os anos 50 e 70, se movida simultaneamente por um interesse cibernético e por um background filosófico, permitirá melhor entender os desenvolvimentos ocorridos desde então – tanto o estruturalismo pós modernista e pós-

estruturalismo dos anos 80 (passando pela Desconstrução, etc) e a "estética de emergência" dos anos 90s (Lynn, FOA, etc). De facto, percecionamos em tal mistura de perspetivas, cibernética e filosófica, uma eventual possibilidade de teoricamente reconciliar dois velos do desenvolvimento arquitetónico contemporâneo – uma relacionada com a pós-linguística francesa e a outra com as novas tecnologias e "ciências da complexidade". Toda a cnova do presente, poderá no entanto ser encontrada nesse momento de impasse que foi a passagem das expressões tardomodernas de vanguarda e as divergências do pós-modernismo. ■

⁸ Dominique Rouillard, *Superarchitecture: La future de l'architecture 1950-70*, Editions la Villette, Paris, 2004.

⁹ J. Huizinga, *Homoludens: A Study of the Play element in culture*, Beacon Press, Boston, 1955.

¹⁰ Cf. J.C.Lamberth, *New Babylon Constant: Arte et Utopie Textes d'Art*, Paris, 1977; Mark Wigley, *Constant's New Babylon: The hyperarchitecture of desire*, OTO Publishers, Rotterdam, 1998.

¹¹ Cf. Dennis Crompton (ed.), *Concerning Archigram, Archigram Archives*, London, 2002 (1998); *A Guide to the Archigram 1961-74*, Academy Editions, London, 1994.

¹² Conversa do autor com Michael Webb, NY, May 2004; Conversa do autor com David Green, London, 2004.

¹³ AAVV, *Archigram*, N.1, London, 1961.

¹⁴ Cf. *Les années pop*, Centre George Pompidou, Paris, 2001.

¹⁵ Peter Lang and William Menking, *Superstudio: Life without objects*, NY, 2003.

¹⁶ "Radical Design: Ricerca a progetto dagli anni 60 ad oggi", in: www.exibart.com.

¹⁷ *The changing of the Avantgard: Visionary architectural drawings from the Howard Gilman collection*, MoMA, NY, 2002.